

O consumo do espetáculo: reflexões iniciais sobre parafolclóricos de maracatu-nação ou de baque-virado

Kelma F. Beltrão de Souza

Mestra em Comunicação Rural, professora
Faculdade Metropolitana/IPESU, PE

Resumo

Estudos iniciais sobre grupos parafolclóricos de maracatu nação ou de baque-virado que surgiram em Pernambuco em inícios da década de 90 do século XX. O propósito deste estudo foi suscitar algumas reflexões de como foram construídas as identidades destes grupos, resistindo ou transformando aspectos históricos do maracatu tradicional. Mostra-se como o maracatu tradicional surgiu, discutindo dentro de uma circularidade como a festa/o ciclo foram convertidos pelos grupos parafolclóricos em espetáculo, onde passam a ser consumidos pela população e pela mídia influenciando até mesmo a aceitação do maracatus tradicionais.

Palavras-chave: Maracatu, parafolclórico, consumo.

Introdução

As décadas de oitenta e noventa do século XX são sempre mencionadas por estudiosos brasileiros como as décadas onde muitas reflexões do contexto mundial são trazidas, discutidas e aproveitadas para entendermos os contextos locais. O fim do governo ditatorial possibilita transformações nas estruturas científicas de várias áreas, pois há um maior aproveitamento das produções científicas mundiais para transformar o pensamento brasileiro. Em se tratando dos estudos culturais há que se levar em conta algumas considerações importantes.

Roberto Benjamim (1999, p. 6), por exemplo, apresenta algumas releituras da Folkcomunicação¹, onde concebe que estes estudos “estão consolidados e a sua área expandida para além do conceito inicial”. Enfatiza ainda que as mudanças culturais ocorridas são de interesse da pesquisa acadêmica mesmo que sob outras denominações.

¹Ele apresenta na II Conferência Brasileira de Folkcomunicação um artigo versando sobre a nova abrangência nesta área, conceito este que sob sua ótica está sendo ampliado desde 1967.

Jesus Martin-Barbero², no livro *Dos meios às mediações* (1997) apresenta importantes investigações onde se desloca para ver o processo inteiro da comunicação a partir da recepção. Seus estudos abrem novos caminhos na trama da modernidade e descontinuidade cultural, onde as diversidades existem e encontram sentido para entender as sociedades atuais.

Há, ainda, considerações importantes nos estudos da história cultural que têm como característica além de outras coisas, estudar a cultura popular e a preocupação em resgatar o papel das classes sociais da estratificação e mesmo do conflito social³. (Vainfas, 1997)

São essas vertentes que podem ajudar compreender os vários fenômenos que envolvem a circularidade cultural existente aqui no Brasil. São estes aportes que, por exemplo, poderão explicar:

- Por que o movimento Mangue Beat, centrado na figura de Chico Science que, “modernizando o passado” conseguiu “influenciar” a juventude e a mídia local e internacional a conhecer folguedo como o maracatu-rural?
- Ou por que o Maracatu-Nação Leão Coroado (de baque-virado), que com 140 anos de atividades ininterruptas, sendo considerado dos mais antigo e o mais tradicionalista dos maracatus-nação existentes, mesmo carregando a marca da tradicionalidade, gravou CDs e faz shows/espetáculos?

Ou até por que os maracatus de baque virado, que passaram muito tempo apenas destinados a apresentar-se nas comunidades de origem, nos últimos anos passaram a ser consumidos pela mídia e por outros contextos?

Lógico que aqui não é nosso propósito oferecer estas respostas, mas levantar algumas reflexões apenas sobre este último folguedo – maracatu-nação ou de baque virado, em especial alguns aspectos sobre grupos parafolclóricos que fazem uso deste folguedo, pois ao que parece estes grupos parafolclóricos podem ter facilitado no reconhecimento e aceitação pela juventude e pela mídia dos folguedos de maracatus-nação tradicionais aqui em Pernambuco.

É importante salientar que para essas nossas pesquisas iniciais foi importante o contato (entrevista) com integrantes e ex-integrantes, fundadores dos dois mais antigos grupos parafolclóricos de maracatu-nação existentes: o Nação Pernambuco e a Cabralada. Dentro deste contexto foram também essenciais as nossas observações participantes e assistemáticas durante estes anos de existência destes grupos parafolclóricos e o acompanhamento das matérias veiculadas na imprensa escrita e televisionadas⁴, local e nacional que menciona o grupo parafolclórico A Cabralada durante o período carnavalesco de 2006.

É importante salientar que esta é uma pesquisa localizada, o estudo de um caso específico sendo nosso propósito, como já afirmamos, suscitar algumas reflexões iniciais sobre o tema investigado.

² Os estudos culturais na área de Comunicação Social atualmente são abordados a partir de nomes como Edward Thompson, Carlo Ginzburg, Baktin, Walter Benjamin entre outros trazidos para América Latina por autores como Jesus Martin-Barbero.

³ De acordo com Vainfas (1997) estas características nos oferecem três possibilidades de tratar a História Cultural: A História da Cultura praticada pelo italiano Carlo Ginzburg, a História Cultural do francês Roger Chartier e a História Cultural produzida pelo inglês Edward Thompson. De acordo com o autor estes estudos possibilitam, de diferentes maneiras, entender os contrastes e conflitos no plano cultural.

⁴ Imprensa escrita: Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio. Imprensa Televisionada: TVJornal/ SBT e Rede Globo.

Desenvolvimento

Maracatus nação ou de baque virado e os grupos parafolclóricos

No período carnavalesco em Pernambuco é comum nos depararmos com os batuques dos maracatus nação, que anunciam o cortejo real. Na verdade o que hoje nos parece tão comum ainda traz muitas interrogações sobre a sua história.

A palavra maracatu, por exemplo, traz vários significados. Alguns estudiosos colocam-na como sinônimo de confusão, desarrumação outros como de briga bonita. Há estudos que apontam ainda como uma dança praticada por tribos africanas que viveram na época da ocupação portuguesa na África (Nascimento, 2000, p. 125)

De certo, a palavra hoje é usada para indicar um folguedo tipicamente pernambucano que se apresenta de duas formas: o maracatu rural ou de baque solto e o maracatu-nação ou de baque-virado. Este primeiro é uma fusão de vários elementos da cultura popular que foi instituído no início do século XX no interior de Pernambuco. Já o maracatu nação, também conhecido como de baque-virado, é uma transformação do folguedo da festa de Nossa Senhora do Rosário (onde se tinha o ritual de coroação dos reis africanos) que existia em Pernambuco desde dos períodos iniciais da escravidão africana (Amorim; Benjamin, 2002, p.44).

Mas esta realidade, de acordo com Roberto Benjamin (2004, p. 66), em seus estudos sobre maracatu, nos remete a fatos muito mais antigos, que antecedem mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil. Colonizados por Portugal, os africanos tinham recebido influências dos religiosos portugueses aceitando Nossa Senhora do Rosário como sua padroeira. Dessa forma, ainda na África ou em Portugal os africanos realizavam festas de comemoração do Rosário. Nessas festas era permitida aos africanos a coroação dos reis negros, indicando um ritual que trazia as virtudes do cristianismo e os poderes do Rosário (Benjamin, 2004, p. 67). As irmandades de africanos e seus descendentes oscilavam entre dois caminhos: abandonar suas crenças para participar da sociedade colonial ou usar as irmandades como fachada para permitir a sobrevivências das manifestações culturais e religiosas africanas.

Fora os rituais de coroação dos reis negros, pode-se indicar outros prováveis elementos presentes que compõe esta festa: cortejos (desfiles solenes), presença de guardas reais, dramatização de luta entre um cristão e um não-cristão, bonecas conduzidas por damas (Benjamin, 2004. p. 68)

Trazidos para o Brasil como escravos para trabalhar na economia canavieira, durante este período era permitido aos africanos coroar ou escolher reis e rainhas para governar as nações de negros, ou melhor, aos escravos era permitido realizar festas comemorativas a Nossa Senhora do Rosário. Para isto recebiam apoio não só dos seus senhores, mas do governo e da própria Igreja Católica, tanto que a forma de organização do cortejo do maracatu-nação muito se assemelha às procissões católicas (Amorim; Benjamin, 2002).

Estas festas ocorriam em vários lugares de Pernambuco tendo sua parte religiosa seguida pela coroação dos reis. Nestas coroações principalmente em Recife onde os rituais eram mais solenes, até expedição de diploma para o rei eleito ocorria, inclusive informando das obrigações que o rei tinha em manter a ordem entre os negros (COSTA, 2004, p. 234, 235).

Os registros sobre a festa do Rosário em Recife vão até os últimos anos da primeira metade do século XIX. De acordo com Amorim; Benjamin (2002, p. 45) logo após este período os registros existentes nos jornais são sobre os festejos dos maracatus. O motivo desta separação ao que parece, como ocorreu em outros lugares, deve-se principalmente por causa dos conflitos existentes entre os padres e os membros da irmandade. Sendo assim a coroação dos reis negros se desliga dos festejos de Nossa Senhora do Rosário transformando-se em maracatu-nação ou de baque-virado, se desligando do festejo religioso católico e passando a integrar o carnaval.

Preserva-se deste contexto o cortejo com os personagens do rei, da rainha, do embaixador, as damas-do-paço (com as calungas que representam as entidades religiosas do culto dos orixás), outros personagens da corte e ainda as baianas e os batuqueiros.

Tudo indica que o desligamento da coroação dos reis da festa de Nossa Senhora do Rosário, festa católica, facilitou para que os integrantes pudessem cultuar mais facilmente a religiosidade africana, especialmente o culto dos orixás. O culto dos orixás é religião originária de Ilê-Ifé, de onde foi criado o mundo e cultuam-se os orixás. Seus sacerdotes e sacerdotisas, ou seja, os babalorixás e ialorixás aprendem a língua e os rituais para cultuar os orixás. A religião culto dos orixás vem das crenças jeje-nagô originária do povo Ioruba e possuem as entidades: Olorum, Xangô, Ogum, Oxossi, Iemanjá, Iansã, entre outros. (Benjamin, 2004, p. 34)

Os mestres, reis e rainhas do maracatu de baque virado geralmente tem relações fortes com terreiros de candomblé, inclusive são muitas vezes babalorixás e ialorixás. Sobre isso Amorim (2006, p. 45) afirma que os maracatus de baque virado são sempre vinculados aos terreiros de candomblé.

Dessa forma durante este tempo muitos maracatus não deixaram de existir e outros continuam suas atividades sem interrupção até os dias atuais, inclusive ainda com relações significativa com o culto religioso dos orixás, como é o caso do Leão Coroado.

Porém, nas últimas décadas do século XX, alguns músicos e dançarinos com intenção de festejar o folgado maracatu, formaram grupos que representam este folgado, mas que, no entanto, não tem vínculos com religião afro-brasileira do culto aos orixás. Ou seja, os participantes apesar de dançarem e se caracterizarem como tal não tem obrigações que os praticantes desta religião tem, por isso, pelo seu aspecto histórico e por outros aspectos, estes grupos são considerados como parafolclóricos. Como exemplo desta realidade temos os grupos Nação Pernambuco e A Cabralada, fundados respectivamente em 1989 e 1995.

Reconvertendo os códigos e as funções do maracatu-nação

De acordo com a Carta do Folclore Brasileiro (apud Della Monica, 2001, p. 51, 52) aprovada no VIII Congresso Brasileiro de Folclore em 1995 em Salvador, parafolclóricos:

"São assim chamados os grupos que apresentam folgados e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores de tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folgados através do estudo regular, em alguns casos exclusivamente bibliográficos e de modo não espontâneo".

Mas o que levam estes grupos a excursionar por estes caminhos, já que historicamente suas origens “diretas” não estão relacionadas a coroação dos reis negros?

Tudo indica que diante das necessidades, desejos, reações, grupos buscam construir novas identidades sociais apropriando e reelaborando elementos culturais. É o que nos mostra Martin Barbero (1997, p.276, 277) ao analisar a música como representante fundamental do popular urbano, e questiona: [...] o que há de significativo sobre as transformações sociais e culturais que atualmente se processam no urbano do que essa fusão da música andina com a negra, no qual hoje se reconhecem as massas populares limenhas?

A realidade exposta pelo autor muito se assemelha a realidade dos grupos parafolclóricos de maracatu-nação, já que eles surgiram justamente da intenção de reverter um folguedo transformando-o em objeto de desejo do mercado.

Este processo de circulação cultural pode acontecer de forma espontânea ou intencional onde “reconvertem-se um patrimônio (conjunto de técnicas e saberes) para re-inseri-lo em novas condições de produção e mercado” (Canclini apud Santos, 1998, p. 6)

Foi sob esta perspectiva que surgiram os grupos parafolclóricos de maracatu-nação na década de noventa em Olinda, pois seus organizadores ansiavam serem consumidos pela juventude que até então desconheciam ou então discriminavam este folguedo. Inclusive poucos eram os espaços destinados na mídia para o folguedo de maracatu-nação tradicional.

De acordo com o depoimento de Valdson José da Silva⁵ (um dos fundadores e ex-integrante do grupo parafolclórico Maracatu-Nação Pernambuco), desde 1986 ele e outras pessoas faziam parte de grupos de dança, um desses grupos foi o grupo Thaynahkan de Dança Popular que era comandado por Barnardino José. Foi então que em meados de 1989, Bernardino lhe falou do desejo de montar um grupo que pudesse reviver o maracatu de baque-virado, mas que já havia entrado em contato com várias pessoas, mas que nenhuma delas se mostrou interessada, pois não acreditavam na aceitação deste grupo parafolclórico. A partir daí os integrantes do grupo Thaynahkan de Dança Popular aceitaram o desafio: “o Maracatu-Nação Pernambuco foi fundado em 1989 com festa no Clube Vassourinhas em Olinda. Passamos todo o ano de 1990 ensaiando, e desfilamos pela primeira vez em 1991, pelas ladeiras de Olinda. No ano seguinte passamos a nos apresentar no Mercado Eufrásio Barbosa, aos domingos”.

Em relação à Cabralada, trata-se de um grupo fundado em 1995, formado por ex-integrantes do Maracatu-Nação Pernambuco, portanto uma dissidência. Segundo Val (fundador e integrante/dirigente da Cabralada), alguns integrantes do Nação Pernambuco, resolveram se desligar e organizar um outro grupo cuja idealização coube ao artista plástico João Neto. Neste grupo parafolclórico além dos elementos do cortejo real, o artista plástico João Neto acrescentou personagens que fazem parte de uma narrativa criada pelo próprio que conta a história de uma cabra que ganha asas e vem do sertão pernambucano para ver o carnaval de Recife e Olinda: A Cabralada. Dessa forma em 1996 a Cabralada saiu pela primeira vez no carnaval desfilando pelas ladeiras de Olinda.

⁵ Conhecido por Val, hoje dirigente do grupo parafolclórico a Cabralada.

Então foi assim que surgiram os dois principais grupos parafolclóricos que fazem uso do folguedo maracatu-nação ou de baque-virado. Nestes grupos além de dançarinos, músicos, fazem parte pessoas com várias atividades profissionais (professores, médicos, comerciários, empresários, estudantes, enfermeiros, entre outros). Dessa forma estes grupos das camadas médias da sociedade se voltam para o século passado, tentando transformá-lo e apresentá-lo para a contemporaneidade.

É como se as sociedades estivessem organizadas para fazer-nos consumidores do século XXI, mas enquanto cidadãos levarem-nos de volta para o século XVIII. (Canclini, 1999, p. 53).

Resistências, circularidades e metamorfoses: os grupos parafolclóricos.

Na busca de suscitar algumas reflexões dos grupos parafolclóricos, selecionamos alguns aspectos pertinentes para prosseguir a discussão. É válido salientar que em alguns momentos quando comparamos os aspectos entre àqueles que pertencem aos Maracatus tradicionais e os grupos parafolclóricos, nosso propósito é buscar sentido nas circularidades existentes entre as partes, respeitando-as, mas entendendo que o homem é um ser histórico e, portanto dinâmico quando resiste, circula e transforma.

Dentre os aspectos construtores da identidade dos grupos parafolclóricos um que se destaca é a forma como foi construído, numa dinâmica intencional ou não, o maracatu espetáculo ou fantástico⁶.

Historicamente, como já afirmamos, o maracatu de baque-virado tradicional está relacionado ao tempo do ciclo carnavalesco e das festas.

Nas suas considerações sobre as rupturas no tempo, especificamente o tempo cíclico demarcado pela festa, Martin Barbero (130, 131) enfatiza que esta foi instituída com o sentido de que as coletividades descarregassem suas tensões através do tempo balizado pelos ciclos, algo que era para ser vivida, hoje convertida em espetáculo serve para ser vista e admirada: "O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno, balizam a temporalidade social nas culturas populares" (Martin-Barbero, 1997, p. 130).

Eram neste tempo cíclico e nestas festas que se apresentavam os maracatus de baque-virado tradicional. De acordo com Katarina Real (1990, p. 68) em suas pesquisas na década de sessenta, estas festas são: "reis", em janeiro; São Jorge (Ogum), em abril; Nossa Senhora do Carmo (Oxum), em julho; Cosme e Damião, em Setembro e Nossa Senhora da Conceição (Iemanjá), em dezembro.

Os grupos para parafolclóricos de maracatu apesar de suas apresentações serem mais constantes no período carnavalesco, a época onde o grupo fortalece sua identidade, estabelece suas relações e define seus caminhos são nos ensaios. Os ensaios desses grupos ocorrem semanalmente sendo realizados em lugares abertos e de fácil acesso da população (o Nação Pernambuco ensaia durante todo o ano; já a Cabralada a partir de setembro).

Os ensaios do grupo parafolclórico Nação Pernambuco, por exemplo, ocorriam de início no Mercado da Ribeira em Olinda onde conseguiam aglutinar grande quantidade de pessoas nas suas domingueiras⁷.

⁶ Termo usado pelo grupo parafolclórico A Cabralada quando se definem.

⁷ Antes ocorriam ensaios fechados nas casas dos integrantes.

Já a Cabralada passou alguns anos realizando seus ensaios, também aos domingos, em frente ao Museu de Arte Contemporânea em Olinda. Lá os ensaios assumiram um caráter de “show” onde muitas vezes outros grupos e cantores da cena musical pernambucana se apresentavam como convidados, até que a prefeitura proibiu estes ensaios.

Diante deste cenário de criação de um tempo e de um espaço próprio estes grupos conseguiram significativo reconhecimento do público. Hoje, por exemplo, a Cabralada que realiza seus ensaios na rua da Guia, no “Recife Antigo”, consegue atrair grande quantidade de pessoas para assistir ao espetáculo ou até para se misturar a ele. É válido lembrar que além destes momentos dos ensaios e das apresentações no período carnavalesco os grupos, também, apresentam-se em eventos e em outros lugares: é o seu tempo e o seu espaço construído. O grupo parafolclórico A Cabralada, por exemplo, já participou de eventos: Festival de Inverno de Garanhuns, SBPC – Recife, Congresso de Jornalismo, lançamento do refrigerante Kuat, FENEART, Carnaval no Sesc Pompéia - São Paulo, Festival Cultural de João Pessoa, Encontro Nacional de Educação – Brasília, entre outros. Já o Nação Pernambuco além das participações no território brasileiro também fez shows por outros países.

Eles atendem o que o mercado solicita: o espetáculo “[...] algo que já não é para ser vivido, mas visto e admirado”. (Martin-Barbero, 1997, p.130)

O primeiro grande consumidor deste espetáculo será uma juventude que se identifica e se reconhece nos grupos parafolclóricos. Ao que parece são vários os aspectos que estreitaram estas relações, mas tudo indica que um dos aspectos relevantes é o fato dos grupos parafolclóricos não terem ligações com a religião do culto dos orixás. Historicamente a religiosidade afro-brasileira sofreu muitas perseguições em Pernambuco, neste contexto sua imagem sempre foi associada com algo não permitido e discriminado diante da sociedade. O fato dos maracatus-nação ou de baque-virado tradicional estarem relacionados aos terreiros de candomblé facilitou para que as pessoas também tivessem preconceitos sobre o folguedo.

Seguindo esta lógica de consumo que está associada ao “conjunto dos processos sociais de apropriação de produtos” (Canclini apud Martin-Barbero, 1997, p. 290), temos a mídia que também vai querer consumir o espetáculo produzido pelos grupos parafolclóricos. Para isso, analisou-se o grupo parafolclórico a Cabralada, em especial o uso que a mídia fez da sua imagem durante os quatro primeiros meses de 2004. A primeira aparição na mídia em 2006 ocorreu no mês de fevereiro no programa Cordas e Tambores (TV Jornal/SBT). A matéria foi veiculada durante os dias 05 e 12 de fevereiro sobre este grupo, a intenção era retratar grupos de “maracatus” e blocos que fazem o carnaval das cidades do Recife e de Olinda.

Na semana pré-carnavalesca, mais precisamente na sexta-feira, o Jornal Nacional da Rede Globo exibe significativa matéria mostrando o cortejo do grupo parafolclórico a Cabralada. Nesta matéria (gravada durante a noite do dia anterior), o jornalista Francisco José retrata aspectos importantes como: pequeno histórico sobre as origens do maracatu-nação; a existência de dez anos do grupo a Cabralada, mostrando dentro deste contexto a construção destes grupos; participação de pessoas de diferentes profissões que dançam e tocam neste grupo parafolclórico de maracatu; interação do público que assiste a apresentação do espetáculo e inclusive a importante participação dos turistas.

Neste mesmo dia, a imprensa escrita (Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio) veiculou imagens do grupo Cabralada com destaque para as imagens da coreografia das baianas, bem como seus adereços e cores. Na quarta-feira de cinzas esses mesmos jornais destacam novamente as imagens da Cabralada, desta vez um deles destaca na capa a evolução da dança de uma componente.

A última aparição pesquisada sobre o grupo parafolclórico a Cabralada, ocorre no dia 08 de abril no programa Central de Periferia, de Regina Casé. Neste programa a Cabralada é mostrada como uma das diversões de um de seus participantes (professor universitário, profissional de destaque na área de informática) que é participar como batuqueiro do grupo. Este consumo da mídia retrata as estratégias de comercialização que ela possui e que seus interesses estão veiculados ao que seu público vai permitir e gostar de assistir: "[...] não se trata unicamente com o tempo dedicado, mas com o tipo de tempo, com o significado social deste tempo e com o tipo de demanda que as diferentes classes sociais fazem à televisão"(Martin-Barbero, 1997, p. 301).

Considerações finais

A partir deste estudo inicial entende-se que os grupos parafolclóricos surgiram num momento em que pouco se ouvia falar em maracatu-nação ou de baque virado (a não ser nos lugares específicos). Estes grupos surgiram do desejo de "reviver" o folguedo maracatu-nação, esta foi a vontade inicial e pelo que foi identificado estes não sabiam se iam ser aceitos ou não pela sociedade e muito menos pela mídia. De certo estes grupos, intencionalmente ou não, conseguiram construir suas identidades reconvertendo os códigos dos maracatus tradicionais. Um dos aspectos, que merece um estudo posterior, é o fato destes grupos não estarem vinculados a religiosidade afro-brasileira isso pode ter facilitado a identificação da população com estes grupos, já que as pessoas ainda possuem muito preconceitos religiosos. Outro aspecto importante onde os códigos foram modificados foi a transformação do tempo da festa, do ciclo no tempo do espetáculo. Tempo que não é mais para ser vivido e sim para ser visto, como afirma Martin-Barbero. O uso da mídia diante dos grupos reafirma esta espetacularização dos grupos parafolclóricos, consumidos não só pela população local, mas também pela mídia. Talvez estas reflexões sejam um caminho para as perguntas que foram feitas no início sobre os Maracatus Nação tradicional, pois nos últimos anos do século XX passam a ser requisitados e reconhecidos pelo público e pela mídia, passando inclusive a fazer apresentações fora do seu ciclo festivo, com shows em outros lugares e buscando outras formas de sobrevivência, como a produção e vendas de CDs.

Referências

- Amorim, Maria. Alice. A força do baque-virado. Revista Continente. Documento. Recife: CEPE, 2006. n. 43.
- Amorim, Maria Alice; Benjamin, Roberto. Carnaval: cortejos e improvisos. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002. (Coleção Malungo; v. 5)
- Benjamin, Roberto. Folguedos e danças de Pernambuco. Recife: Editora Linceu Ltda, 1989.
- _____. A nova abrangência da Folkcomunicação. Anais... II Folkcom.

- _____. A África está em nós. História e Cultura Afro-brasileira. João Pessoa, PB: Grafset, 2004.
- Canclini, Néstor Garcia. Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- Della Monica, Laura. Turismo e folclore: um binômio a ser cultuado. 2. ed. SP: Global, 2001. (Coleção Global Universitária)
- Martin-Barbero, Jesus. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- Nascimento, Mariana. C. Mesquita do. João, Manoel, Maciel Salustiano: três gerações de artistas populares e a sua comunicação com o massivo na perspectiva da reconversão cultural. Dissertação (Mestrado em Comunicação Rural). Recife: UFRPE, 2000.
- Real, Katarina. O folclore no carnaval do Recife. Recife: Massangana, 1990.
- Santos, Maria Salett Tauk. Comunicação rural: velho objeto, nova abordagem. Mediação, Reconversão Cultural, Desenvolvimento local. V Colóquio Brasil França de Ciências da Comunicação. Sessão-Comunicação: Novos e velhos objetos diante de novas abordagens. 1998.(Mimeo).
- Vainfas, Ronaldo. História das Mentalidades e da cultura. In: Cardoso, Ciro F.; Vainfas, Ronaldo.(org.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.